

al-madama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

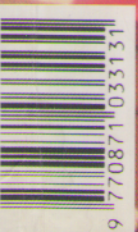
especial **D**irectório de
Arqueologia & empresas
e profissionais
de
Património

Um Cometa
na Pré-História Portuguesa

Detectores de Metais e Arqueologia

Os Azulejos
da Quinta da Trindade

1ª Série | n.º 13
Julho 2005
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

3 **Editorial** | Jorge Raposo

5 **Actualidade**

8 **Crónicas de...** paleontologia | **Carlos Marques da Silva** | p. 8
 pré-história antiga | **Luís Raposo** | p. 11
 arqueologia clássica | **Amílcar Guerra** | p. 14
 arqueologia portuguesa | **António Manuel Silva** | p. 17
 arqueologia e museografia | **Mário Varela Gomes** | p. 20
 arqueologia e património | **Víctor Mestre** | p. 23

Arqueologia

25 **Recinto Pré-Histórico de Castanheira do Vento: morfologia construtiva**
 Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Pereira, Ana M. Vale e A. Sá Coixão

36 **Um Cometa na Pré-História Portuguesa**

João Luís Cardoso e M. C. André

48 **A Roça do Casal do Meio: novos contributos**

Raquel Vilaça e Eugénia Cunha

58 O Horizonte Peruano da **Cerâmica do San Pedro de Alcantara** – I

Jean-Yves Blot

72 **Retorno a Monsaraz: novo estudo antropológico**

Gisela Gonçalves e Ana Luísa Santos

Opinião

78 **Legião X Gémina no Baixo Douro no Tempo de Cláudio?**

Jorge de Alarcão

82 **Achados Fortuitos, Detectores de Metais e Arqueologia**

Luís Raposo

86 **Algumas Observações Sobre a Civitas de PAX IVLIA**

António M. Monge Soares

Dossiê especial

89 Jorge Raposo

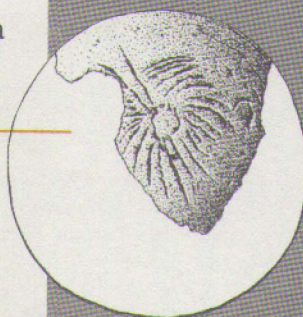
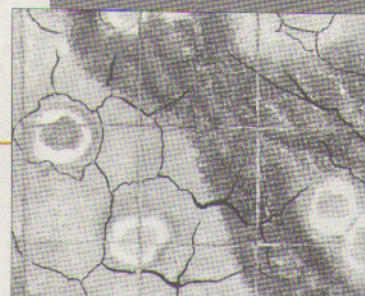
Património

113 **As Gravuras de Nicolas Lancret e Os Azulejos da Quinta da Trindade**

António Celso Mangucci

119 **Livros** | 122 **Eventos** | 130 **Actividade Arqueológica** | 149 **Notícias**

151 **A Descoberta** | 155 **Conhecer** | 159 **Escavando Online** | 162 **Recortes**



Directório de
Arqueologia & empresas
 e profissionais
 de
Património

morfologia construtiva do

Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento

(Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa):

o exemplo das convencionalmente designadas
“estruturas de condenação”

por Vitor Oliveira Jorge (*), João Muralha (**), Leonor Pereira (***), Ana Margarida Vale (****) e António Sá Coixão (*****)

(*) Faculdade de Letras (DCTP), Universidade do Porto. E-mail: vojorge@clix.pt

(**) Estudante de Doutoramento, Univ. do Porto. Bolsiço da Fundação para a Ciência e Tecnologia. E-mail: muralha@netcabo.pt

(***) Instituto Português de Arqueologia (extensão de Vila do Conde). E-mail: leonorsp@hotmail.com

(****) Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. E-mail: anavale@iol.pt

(*****) Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão. E-mail: freixo.acdr@clix.pt

0. Introdução

Castanheiro do Vento é um sítio arqueológico que se encontra no território da freguesia de Horta do Douro, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda.

Localiza-se no alto de um morro de planta sub-circular, de substrato xistoso, situado à altitude absoluta de cerca de 730 m, sendo delimitado convencionalmente, na base, pela curva de nível dos 680 m¹.

Ao longo dos sete anos de campanhas de escavação já realizadas (entre 1998 e 2004), foi possível detectar um mais que provável recinto, muito amplo e delimitado por um murete, ao qual se adossa um outro grande recinto (que designamos “anexo”) provido, como o “principal”, de estruturas subcirculares (vulgarmente designadas “bastiões”) na sua periferia². Foram já escavadas seis dessas estruturas (quatro no recinto principal – A, B, C, e D – e duas no recinto “anexo” – E e F).

Aqueles dois alinhamentos pétreos, que corresponderiam ao soco, ou base, dos muros do recinto, são interrompidos por “portas” ou “passagens”, tendo sido detectadas até ao momento, cinco. Na última campanha de escavações encontrou-se uma grande estru-



↑ Figura 1

Localização genérica do sítio de Castanheiro do Vento na Península Ibérica.

¹ As coordenadas geográficas de um ponto central da estação (*Carta Militar de Portugal* na escala 1/25.000 – folha 140) são as seguintes: 41° 3' 49" Lat. N. e 7° 19' 18" Long. W. Gr. Para uma descrição mais detalhada deste sítio arqueológico ver, por exemplo, JORGE, V. O. et al. 2002a, 2003a/b e 2004.

² É importante referir que a área aqui descrita corresponde a uma pequena parte daquilo que seria a estação arqueológica. A erosão, a utilização da sua pedra pelas populações locais e, essencialmente, a plantação de eucaliptos, terá destruído irremediavelmente grande parte da área arqueológica. O que observamos aqui, como noutros locais do mesmo tipo, são “ilhas” localizadas nos topos dos montes. Perdeu-se toda a informação relativa às encostas. Provavelmente, o sistema de monumentalização do local passava não só pelo topo, como desceria pelas áreas laterais, nomeadamente as que funcionariam como “fachadas” expostas a vales.

r e s u m o

Neste artigo, os autores apresentam alguns aspectos de morfologia construtiva da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), um sítio monumental datado da Pré-História Recente, dando o exemplo das por vezes chamadas “estruturas de condenação”.

p a l a v r a s c h a v e

Idade do Cobre; Idade do Bronze; morfologia construtiva; “estruturas de condenação”; arquitectura.

a b s t r a c t

In this article the authors show some building morphology aspects of the Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) archaeological site, a monumental site dated from Late Pre-History, and presents the example of so-called “condemnation structures”.

k e y w o r d s

Copper Age; Bronze Age; building morphology; “condemnation structures”; architecture.

r é s u m é

Dans cet article, les auteurs présentent certains aspects de morphologie constructive du monumental site archéologique de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), daté de la Pré-Histoire Récente, donnant pour exemple de ce que l'on appelle parfois “structures de condamnation”.

m o t s c l é s

Âge du Cuivre; Âge du Bronze; morphologie constructive; “structures de condamnation”; architecture.

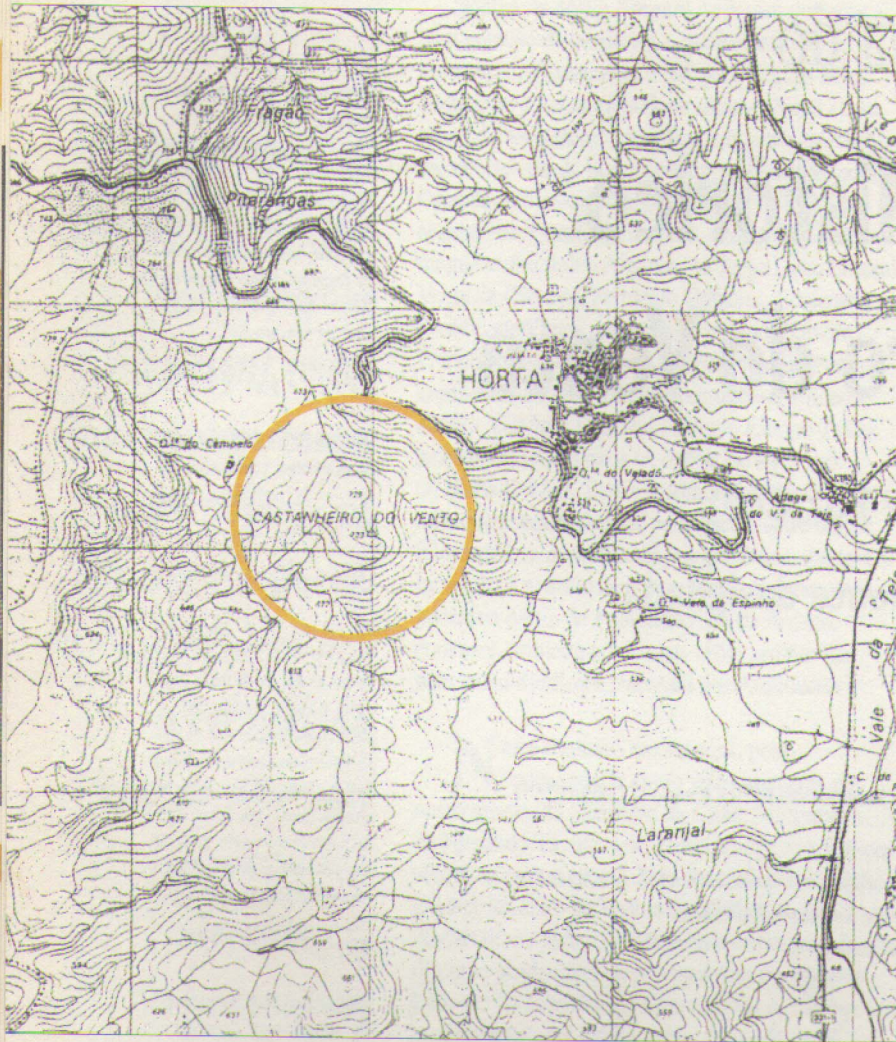


Figura 2 ↑

Localização de Castanheiro do Vento na Carta Militar de Portugal, folha n.º 140 – Touga, Esc. 1/25 000, aqui reduzida.

tura (G), que poderá estar inserida num novo recinto, situado a uma cota mais elevada do que os anteriores.

A cronologia possível aponta para datações entre 2900 a.C. e 1500 a.C.

Algumas das datações de C14 efectuadas situam-se entre os 800 a.C. e 350 a.C. No entanto, estas últimas datas parecem circunscrever-se a áreas muito precisas (como é o caso de uma “estrutura de combustão” já escavada) e a outras zonas com pedras rubefactas, facilmente detectáveis à superfície do sítio. Possivelmente, estaremos perante uma reutilização tardia do local (Idade do Ferro). Apenas o continuar da escavação poderá complementar estas afirmações.

Apesar dessa situação, estamos perante um sítio essencialmente do 3º milénio a.C., e cuja utilização se terá prolongado até meados do 2º milénio a.C. As datações que recaem na primeira metade do 2º milénio a.C. não parecem oferecer qualquer tipo de descontinuidade em relação às mais antigas³. Ou seja, para já, o local parece corresponder ao Calcolítico e ao Bronze antigo e médio convencionais. No entanto, esta afirmação só poderá ser melhor esclarecida em futuros trabalhos.

1. Morfologia construtiva

Os cerca de 120 dias de trabalho efectivo já realizados em Castanheiro do Vento têm permitido um conjunto de observações muito importantes (quer para a sua caracterização, quer para o estudo deste tipo de arquitecturas), entre as quais destacamos a grande diversidade estrutural interna do local. A morfologia construtiva neste sítio arqueológico é extremamente diversificada, não só a nível do tipo de estruturas detectadas, como das técnicas de construção.

Temos referido em vários artigos (JORGE *et al.* 2003) que as arquitecturas pré-históricas devem obviamente ser abordadas, como aliás quaisquer outras arquitecturas, como um sistema de inscrição de sentidos no espaço. Embora se tratasse de sociedades orais, sem escrita, todo aquele sistema tinha evidentemente uma “gramática”: muito esquematicamente, uma sintaxe e uma semântica. Uma sintaxe, ao nível da construção de estruturas, do seu posicionamento no espaço, da capacidade de combinação de materiais e de formas diferentes entre si. Uma semântica, ao nível dos sentidos transmitidos por essa sintaxe, ou seja, os diversos resultados obtidos pela aplicação de códigos à compreensão de espaços, de estruturas, dos cenários que essa comunidade continuamente construía e continuamente reinterpretava. Mas essa dicotomia é apenas uma primeira, e muito discutível, aproximação ao assunto.

Realmente, a plasticidade daquelas conotações pode ter sido grande ao longo do tempo, permitindo a negociação de sentidos através de cenários fixos, semi-fixos e móveis, numa espécie de micro-cosmos (sítio) que pode ter sido utilizado como “modelo” ou “metáfora” do próprio cosmos (realidade ampla, à qual se imprimia uma ordem intervindo à escala do sítio).

Ultrapassada que está uma arqueologia focalizada apenas nos materiais (artefactos) e nas “fases de ocupação”, o que se investiga com mais ênfase neste sítio são arquitecturas, são edificações, são espaços construídos. A sua análise levanta obviamente problemas de semiologia do espaço construído e do gesto técnico. Em momentos significativos estes espaços alteram-se, modificam-se, as estruturas são destruídas ou remodeladas, as passagens fecham-se ou abrem-se.

A concepção do desenho do sítio, a sua volumetria, poderia ter sido feita de raiz, em “fases”, um “desenho” de conjunto substituindo outro, ou então haveria um constante reordenamento, uma adição ou subtracção mais ou menos permanente de estruturas, uma modificação dos espaços livres ou fechados, dos circuitos, das janelas de observação, das fachadas internas e/ou externas, etc. Ou, ainda, podemos admitir uma grande diversidade de possibilidades entre os dois extremos antes considerados. Uma enorme atenção ao detalhe construtivo e técnico, e a todas as possibilidades que tenhamos de estabelecer

³ Os dados relativos à cronologia do sítio foram já publicados e sumariamente discutidos. Ver JORGE, V. O. *et al.* 2003d: 91-98. As amostras recolhidas em 2004 estão igualmente publicadas electronicamente, mas ainda não comentadas, na página www.architectures.home.sopo.pt em “recent results”.

seqüências de acções, mesmo que muito locais e parcelares, são atitudes fundamentais da pesquisa.

Uma constatação que fizemos é a extrema diversidade estrutural à escala do sítio; outra, é a possibilidade de se terem dado alterações do dispositivo arquitectónico. Esta diversidade estrutural tem sido detectada ao longo da escavação. É importante considerar a existência de pelo menos três muretes estruturantes, a sua associação às estruturas subcirculares (“bastiões”), as passagens e a sua “condenação”, as estruturas que designamos em forma de “bacia”, as pequenas estruturas circulares e subcirculares com diâmetros de 50/80 cm, em cuja construção o granito está sempre presente, os nichos, as fossas, a utilização de técnicas construtivas específicas e modeladas⁴ à geomorfologia do local, etc.

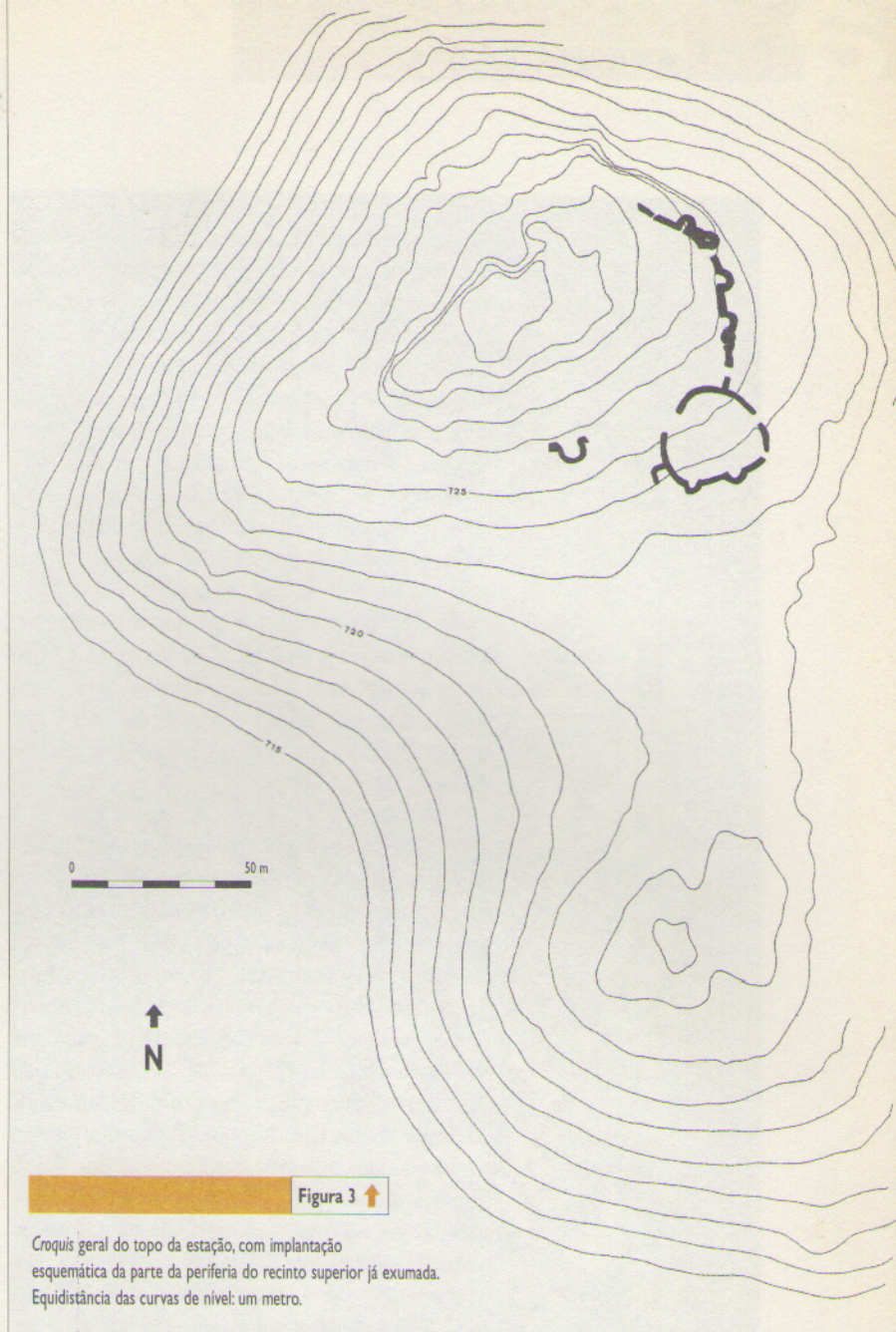
É igualmente fundamental não esquecer a grande diversidade também utilizada na construção dos muretes, observada quer em planta, quer nos alçados, a hábil utilização da pedra, da argila e dos materiais percíveis, etc. Estamos perante a contínua construção (até no sentido de remodelações e de actos de manutenção) de um “lugar”.

Os restos de arquitectura que chegaram até nós podem até não ser os mais significativos, em relação ao que ali terá existido. Mas não é com essa virtualidade que trabalhamos, é com aquela que realmente está inscrita na paisagem, não numa acepção de construção, de edificação de um plano pré-formado ou projecto mental, mas sim em termos de uma arquitectura em interacção constante com um mundo onde seres humanos, matéria e acção formam uma continuidade, constituem uma unidade. As comunidades construíram-se, construindo, mas construindo imersas no mundo, não destacadas dele como o representacionismo moderno o vê.

2. O exemplo das habitualmente designadas “estruturas de condenação”

De forma muito genérica, e após a campanha de 2004, podemos referir quatro tipos dessas ditas, convencionalmente, “estruturas de condenação”, já detectadas:

1. Petrificação ou “massificação” (enchimento) de um espaço outrora aberto. Esta acção consiste na colocação/“deposição” de várias lajes, em alguns casos de tipo diferente das utilizadas na construção das estruturas. Dizemos diferentes porque por vezes estas lajes têm dimensões maiores, são de um xisto diferente do existente no local e que serviu para a construção dos basamentos pétreos, e em alguns casos são mesmo de um xisto azulado, até este momento não detectado nos muretes. Esta constatação torna-se muito importante pois reveste esse acto de especial significado. É também importante notar que essa colocação de lajes obedece a uma acção estru-



Croquis geral do topo da estação, com implantação esquemática da parte da periferia do recinto superior já exumada. Equidistância das curvas de nível: um metro.

turada/pensada, ou, se quisermos, altamente intencional, pois as lajes delimitam em muitos casos pequenos espaços, a que chamámos nichos.

Por outro lado, torna-se impossível sustentar a hipótese de que essas lajes são derrubes das construções. Esta situação, já detectada quer em Castanheiro do Vento (caso da estrutura subcircular A e da estrutura circular anexa à estrutura subcircular D), quer em Castelo Velho de Freixo de Numão⁵, sítio arqueológico coetâneo, remete-nos para outras explicações que não a simples existência de derrubes, mas sim para uma construção efectiva, deliberada, de protecções/fechos/condenações intencionais, para a intencionalidade arquitectónica de manifestar uma ruptura, uma modificação material e conceptual de um determinado espaço.

2. Construção de um alinhamento pétreo, unindo os vãos das “passagens”, dissimulando o seu fecho intencional. Esta modalidade, ou variante tipológica, de “condenação”, foi observada na “porta” 4 (v. Fig. 8). Aqui detectou-se a existência de um conjunto de lajes de média dimensão, em tudo semelhante às utili-

⁴ A palavra “modeladas” surge neste contexto como um diálogo entre o Homem e a geomorfologia do sítio. Adoptando o conceito de “dwelling” de Tim INGOLD (2000), houve um diálogo e não uma adaptação. Não há uma geomorfologia prévia (igual a Natureza) à qual se adapta o ser humano; há sim uma modelação do espaço onde este habita, porque, para Ingold, habitar no mundo é uma constante relação, é um tecer temporal das nossas vidas, uns com os outros e com o meio ambiente.

⁵ JORGE, S. O. 2002: 153. Esta autora refere: “Em dois outros casos (estruturas 4 e 9), as estruturas foram ‘limpas’ e posteriormente ‘condenadas’ com lajes de xisto azul. Aqui não se trata de proteger o conteúdo, mas tão só, de impedir (por motivações sociais abviamente ocultas) a sua reutilização”. Ver igualmente JORGE, S. O. et al. 1998-99: 29-70.

zadas na edificação do murete. É interessante notar que esta dissimulação construtiva existia apenas na área interna do sub-recinto. Para o seu exterior, a “condenação” foi efectuada através de um enchimento de lajes e grandes blocos de xisto e grauvaque e uma grande quantidade de pedras/lajes de pequena dimensão, delimitados por uma laje fíncada. Outra constatação importante relaciona-se com a existência de possíveis “patamares de acesso” à “passagem”, vencendo uma pequena pendente. Eram constituídos por lajes de xisto afeiçoadas, dispostas em semicírculo, em torno do vão da “passagem”. Parte destes “patamares” encontravam-se igualmente cobertos pelo enchimento da “condenação” da passagem. Os restantes apresentavam-se muito destruídos, pois assentavam numa área junto a um caminho aberto nos anos 1980, para a circulação de máquinas de plantio de eucaliptos.

3. Colocação de um conjunto de lajes de xisto (por vezes de cor azulada), dispostas oblíqua e paralelamente, impedindo o acesso a um determinado espaço, ou preenchendo-o. Construção, portanto, de uma estrutura de enchimento em forma de “escamado” de lajes. Embora esta situação tenha sido observada apenas uma vez em contexto de escavação, na estrutura subcircular D, ao nível da observação do terreno, para o interior do recinto principal, temos detectado muitas lajes dispostas de forma idêntica, em locais onde algumas se apresentam rubefactas. Convém, desta forma, colocar a hipótese de que esta situação precisa poderá não ser específica desta estrutura D. Apenas com o decorrer dos trabalhos para o interior do recinto poderemos aferir estas afirmações. A área Oeste desta estrutura apresentava um conjunto de lajes inclinadas, dispostas em “escama”, que encostavam a uma grande laje fíncada (de tipo “estela”) (v. Fig. 5). Os materiais utilizados na construção desta estrutura consistiam em lajes de xisto acastanhado, preferencialmente afeiçoadas em apenas um dos lados (ou seja, na área que ficava voltada ao interior da estrutura), de tamanho médio. As lajes constituintes do “escamado” eram em xisto azulado, afeiçoadas nas extremidades. Mais uma vez se observa uma situação diferenciada entre o material de construção do murete e o material utilizado na construção das habitualmente designadas “estruturas de condenação”.

4. Construção de um dispositivo em arco, incluindo lajes colocadas horizontalmente, fechando exteriormente uma “porta”. Esta “porta” ou “passagem”, a número 2, encontrava-se colmatada e possuía diversos níveis de lajeados. Apresentava-se estreitada com a construção de um muro lateral de lajes sobrepostas. Para o seu lado Leste, foi detectada a estrutura de “condenação”. Era composta por lajes de grande tamanho de formato sub-retangular, completa-

mente diferentes das lajes que estruturam o murete e que estreitavam a “passagem”. Como já vimos, apresentava-se em arco e na sua parte interna, junto ao murete, imbricava num conjunto de pedras muito bem estruturado. Este facto faz ressaltar uma observação muito importante, já referida em anterior publicação: “[...] ao fecho da porta se concedeu uma importância semelhante à de qualquer outro aspecto da construção, ou à ‘condenação’ pétreas dos ‘bastiões’. [...] abertura e fechamento de ‘vãos’ eram duas actividades igualmente prezadas e cuidadosamente estruturadas, como se fossem simétricas uma da outra, ou como se o momento de ‘condenação’ fosse um acto tão importante como o da erecção de uma estrutura” (JORGE, V. O. et al. 2003a: 11).

É importante referir que esta “passagem” não pode ser vista por si só. Está relacionada directamente com um dos mais interessantes “conjuntos” de construções monumentais até hoje detectados em Castanheiro do Vento, composto, pelo menos, também pela estrutura D, pela estrutura circular de tipo “base de torre” que lhe fica próxima, e pelo próprio murete estruturante dessa parte do sítio.

3. Os contextos das estruturas de condenação

Apesar do já elevado número de publicações realizadas sobre esta estação arqueológica, a totalidade dos “materiais” exumados (artefactos e outras amostras) ainda não se encontra estudada. Foram recolhidos, até ao final da campanha de 2004, cerca de 35 mil ⁶ elementos informativos passíveis de ser objecto de estudo. Deste grande conjunto, não só artefactual mas também ecofactual (arqueobotânico e arqueozoológico), e composto igualmente por vários tipos de outras amostras, só pôde ser observada, embora a níveis diferentes de avaliação que correspondem à elaboração de trabalhos académicos, uma pequena parte ⁷.

O que se pretende neste ponto é tentar um ensaio de contextualização dos diversos tipos de dados referentes a duas áreas onde foram identificadas as habitualmente por nós designadas “estruturas de condenação”: a estrutura subcircular D e a “passagem” ⁴.

3.1. Estrutura subcircular ou “bastião” D

Esta estrutura foi detectada durante os trabalhos de escavação de 2002. Está localizada numa área sem qualquer pendente e completamente voltada ao Vale da Ribeira da Teja, a Este ⁸. Faz parte, como já vimos, de um contexto monumental, todo ele assente à mesma cota, que integra, para além desta estrutura, uma estrutura circular (“torre”) maciça e uma passagem (n.º 2) com uma “estrutura de condenação” ou fecho (ver ponto 2, n.º 4) de carácter monumental. Apresenta uma planta aproximadamente semicircular, tendo o seu eixo Norte/Sul 3,60 m e o seu eixo

⁶ Destes 35 000 elementos destacamos os cerca de 28 000 fragmentos cerâmicos, os 4500 materiais líticos e os 600 elementos de moinho, na sua esmagadora maioria fracturados.

⁷ Além dos trabalhos finais de licenciatura realizados por Clara Gaspar, Gustavo Cunha, Rui Barbosa e Nelson Borges, destaca-se a tese de mestrado de Ana Margarida Vale, onde é estudado o conjunto artefactual (fragmentos de objectos, na maioria) proveniente das campanhas de 1998 a 2000. Ver VALE 2003.

⁸ Este vale é uma extensa bacia fluvial, fértil do ponto de vista agrícola. Com isto não se quer dizer que este sítio dominaria um território “controlado” por esta comunidade, mas, dominando visualmente essa bacia fluvial, Castanheiro do Vento, poderia servir como símbolo comunitário/identitário dessa população. Foi construído, não só para ver, mas essencialmente para ser visto. Constituiria pois um marco na paisagem, um ponto de referência.

Este/Oeste 2,90 m. O basamento dos muretes delimitantes é constituído por lajes de xisto, afeixoadas em apenas um dos lados, de tamanho médio. Nos seus extremos apresentava duas lajes fincadas (de tipo “estela”) parecendo demarcar a “área de utilização”, ou espaço interno da estrutura. Ao mesmo tempo, a laje situada a Sul poderia conectar-se também com a estrutura circular (“torre”) anexa.

A escavação do interior foi efectuada até à sua linha basal. Foi possível detectar um primeiro nível de lajes fincadas obliquamente e dispostas paralelamente umas às outras. É importante observar que estas lajes se encontravam ligadas e revestidas por argila. Junto à laje Norte (“de tipo estela”), foi exumado um pequeno vaso de fundo plano, quase inteiro. Este conjunto de lajes parece corresponder a um sistema que habitualmente designamos de “condenação” da estrutura, já atrás referido. Abarcava apenas parte da sua área interna.

A desmontagem e escavação deste conjunto permitiram apenas a exumação de 20 fragmentos cerâmicos, duas contas de colar e de um “disco” em xisto encostado à parede interna da estrutura. A recolha do pequeno vaso de fundo plano remete-nos para outro aspecto importante: as deposições de material. Em determinadas estruturas, e esta é uma delas, foram encontradas deposições preservadas. Neste caso preciso, o pequeno vaso estava embalado na argila que servia de ligante às lajes da estrutura de condenação, não tendo sido objecto de alterações de carácter pós-deposicional. Em Castelo Velho de Freixo de Numão este aspecto tem sido largamente observado (JORGE, S. O. 2002).

Após a desmontagem da estrutura de condenação, foi detectado um nível em argila, compacto, com cerca de 20/25 cm de espessura, onde se concentrava a maior parte do material exumado. Foi neste nível que se recolheu todo o material arqueozoológico, o qual correspondia, no final da campanha de 2002, a 60 % de todo o espólio osteológico encontrado no sítio (posteriormente temos vindo a detectar mais espólio, fazendo descer, obviamente, aquela percentagem). Este material, já publicado (CARDOSO e COSTA 2004), foi discutido pelos autores sob um ponto de vista basicamente “funcionalista”, o que deixou em aberto um conjunto de interrogações interessantes.

Parte deste material apresenta-se queimado, correspondendo a vestígios das patas, caso das espécies *Sus sp.* (porco ou javali), *Oryctolagus cuniculus* (coelho), *Cervus elaphus* (veado) e *Ovis/Capra* (ovelha ou cabra), o que, segundo os autores, parece sugerir uma selecção deliberada dos segmentos anatómicos atirados ao fogo⁹; por outro lado, os vestígios sem sinais de fogo, correspondem a dentes e crânio e ossos longos. Os autores apontam a explicação de estes vestígios serem mais difíceis de manusear e, portanto, não seriam atirados ao fogo (CARDOSO e COSTA 2004: 88). Foram ainda exumados dois seg-



↑ Figura 4

Um detalhe das estruturas monumentais até hoje detectadas em Castanheiro do Vento.

- D – Estrutura subcircular (“bastião”) D;
- N – Nicho constituído por elementos de moinho em granito;
- EC – Estrutura circular (“torre”);
- PM – Porta monumental;
- M – Murete delimitador do recinto principal.

mentos anatómicos correspondentes a dois carpais de *Bos Taurus* (boi) juvenil, que provinham de uma espécie de “nicho” do interior do murete (tendo tido que se proceder à sua desmontagem para recolher estes materiais).

Através destas três observações é importante não nos esquecermos de que estamos a estudar pequenos espaços conotados com sociedades que já não eram de caçadores-recolectores, mas também ainda não eram sociedades com uma estrutura formalizada de poder político. Eram “[...] sociedades-outras, com uma cosmovisão, valores e representações do mundo, da sociedade, da natureza, do espaço e dos objectos radicalmente diferentes dos nossos como os dados da antropologia cultural/etnologia nos deixam adivinhar” (JORGE et al. 2003d: 81).

Torna-se urgente alargar o âmbito explicativo de determinadas questões que o “registo arqueológico” nos coloca constantemente. Terá que se ter o mesmo tipo de atitude em relação aos materiais cerâmicos e líticos recolhidos nesta estrutura, assim como às

⁹ É importante não deixar de colocar a hipótese de estes fragmentos se terem conservado melhor.

micro-estruturas organizadoras desta área específica. Este espaço continha, ao centro, um nicho composto por elementos de dormentes em granito, e no seu interior uma concentração de 32 fragmentos de cerâmica. Ao seu lado encontravam-se dois grandes dormentes sobrepostos. Todos os elementos recolhidos de moinho manual encontravam-se fragmentados, inclusive os constituintes do nicho. A cerâmica apresenta uma grande uniformidade, tanto ao nível das pastas como das decorações (prevalece a decoração impressa penteada curvilínea), existindo um domínio das formas fechadas, onde preponderam os fragmentos cerâmicos lisos. Os materiais líticos, maioritariamente em quartzo, apresentam uma grande monotonia formal, e parecem exibir uma certa variabilidade na sua utilização, aliada a um conhecimento importante, do ponto de vista técnico, da matéria-prima. Uma observação pertinente prende-se com a não existência de vasos completos. Situação já detectada por um de nós (Ana VALE) no seu trabalho (2003) e igualmente observada em Castelo Velho de Freixo de Numão, por Susana Oliveira JORGE (2002), Maria de Lurdes OLIVEIRA (2003) e Lídia BAPTISTA (2003).

Podemos então dizer que não estamos perante uma ocupação “funcional” de espaços. Provavelmente, estamos perante áreas complexas, de carácter simbólico, relacionadas com uma qualquer encenação de acções, de percursos, de rituais ¹⁰ que obedeceriam a uma determinada sequência comportamental, neste caso preciso, associada ao interior do sítio.

Uma última palavra para os elementos de moinho constituintes do nicho central e para os dois grandes dormentes fracturados colocados junto ao pequeno nicho. A sua matéria-prima é o granito, não existente no local. Por outro lado, em algumas das estruturas até hoje escavadas em Castanheiro do Vento surge sempre um ou vários elementos de moinho, como no caso das pequenas estruturas localizadas junto às estruturas subcirculares, feitas de xisto e granito. Algumas delas, como esta da estrutura D, são integralmente executadas com elementos de moinho. O que está aqui em causa não é a utilização do granito em vez do xisto nos elementos de moinho. O granito, com a sua textura rugosa e facilmente picotável, adapta-se melhor à função de moer. Mas o importante é o contexto diferente em que estes aparecem; integrados em estruturas ou formando nichos, quase que fazendo um apelo à sua interpretação baseada no próprio acto da sua especificidade. Neste contexto, estes moinhos não estão ali para moer, mas sim fazem uma referência metonímica ao acto de moer, de transformar o grão em farinha, e esta em pão. Podemos pensar em representações, neste contexto específico, do acto de transformar. Transformar o grão, proveniente do espaço envolvente, em alimento. Incorporando, desta forma, simbolicamente, os espaços habitados por esta comunidade num conjunto cénico.

Aliás, todo o sítio se apresenta como um sistema de transformações arquitecturais e como consequência de séries de deposições que parecem apontar para a ideia de metamorfose, de alusão, de metáfora. As acções que aqui se deram não resultaram tanto de “ocupações” – ideia funcionalista, projecção da nossa mentalidade utilitária no passado pré-histórico –, mas de sequências organizadas de actos que, tanto ao nível dos cenários fixos (estruturas sólidas), como dos cenários semi-fixos (estruturas amovíveis, em materiais perecíveis), como dos cenários móveis (os próprios “ajuntamentos” temporários de pessoas, por exemplo), aludiam provavelmente a narrativas, mitos, representações cosmogónicas e cosmológicas, em suma, decorriam de uma “mentalidade” muito diferente da nossa.

Que “provas” temos para fazer a afirmação anterior? A melhor resposta, abrangente, é a seguinte: a nossa cultura moderna, ocidental, que inventou a Arqueologia, é tão específica, tão diferente dos milhares de culturas (na maior parte extintas, ou miscigenadas com a nossa) que existiram no espaço-tempo, que o melhor pressuposto de que podemos partir, a título de hipótese, quando encaramos um dado a interpretar, é que ele não é interpretável da forma que nos parece mais intuitivamente evidente. Essa interpretação, quanto mais evidente seja, mais peculiar à nossa cultura é, e portanto menos universalizável.

Mas, quando afirmamos este princípio indemonstrável, vêm logo as contestações positivistas clássicas. Uma, é que em ciência a explicação mais fácil, mais óbvia, mais simples é sempre a melhor, não valendo a pena complicar o que é óbvio. A esses responderemos que as ciências nasceram para pôr em teste o óbvio, e que as “ciências sociais e humanas”, lidando com criaturas e sociabilidades altamente complexas do ponto de vista da criação, transmissão, reconversão constante de sentidos, trabalham permanentemente com algo muito fluido, que implica uma postura crítica própria em relação ao que parece óbvio. Nem mesmo as acções supostamente mais universais e ligadas ao “biológico” são assim tão universais, apenas decorrendo de um certo pensamento biológico, de uma lógica aplicada à vida, ela próprio redutora. Estes temas de epistemologia são fundamentais, mas obviamente afastam-nos de momento do nosso objectivo mais definido, que é apresentar alguns dos problemas do sítio de Castanheiro do Vento.

3.2. A “passagem 4”

Esta “passagem” foi detectada durante os trabalhos arqueológicos de 2003. Encontra-se no denominado recinto secundário, ou anexo, voltada a Nordeste, e assenta numa pendente muito suave. O eixo da sua abertura, ou seja, o vão de passagem tem 2,50 m, e a área de “condenação” tem no seu eixo Nordeste / Sudoeste 1,70 m. A particularidade desta passagem

¹⁰ Neste parágrafo utilizamos dois conceitos que consideramos essenciais na análise destes sítios: simbólico e ritual. Precisando, distinguimos entre acção simbólica e acção ritual. A primeira relaciona-se com toda a acção humana sem carácter polissémico ou conotativo, a segunda é já um simbolismo concentrado no tempo e no espaço, articulado numa acção e normalmente provoca efeitos.



relaciona-se não só com o tipo de condenação detectado (já descrito no ponto 2, n.º 2), como com a estruturação da própria passagem. A escavação desta área detectou três tipos de situações:

a) Enchimento do interior do recinto. Este enchimento era composto por lajes de xisto nem sempre afeiçoadas e blocos de grauvaque de dimensões médias a grandes;

b) Estrutura de “condenação”. Era composta por lajes semelhantes às utilizadas na construção do murete, dispostas ao longo da sua face interna, dissimulando aí o vão da passagem. Para o exterior deste alinhamento a passagem encontrava-se obstruída com grandes blocos de morfologia variada, em xisto e grauvaque, diferentes quer do enchimento do interior do recinto nesta área, quer das lajes constituintes do próprio murete. A sua desmontagem revelou um sedimento argiloso que envolvia as lajes;


c) “Patamares”. Chamamos provisória e convencionalmente “patamares” a um conjunto de alinhamentos de lajes de média dimensão, dispostas em semicírculo, concentricamente, em redor da passagem. Foram identificados três alinhamentos e um provável quarto. Estas estruturas poderiam efectivamente ser um dispositivo construtivo de acesso à “passagem”, vencendo o pequeno desnível e monumentalizando a própria entrada, como poderiam ser parte da própria “estrutura de condenação”, que desta forma não seria apenas constituída por um amontoado de pedras e pela construção de um alinhamento interno “de disfarce” (como que a querer imitar a continuação do murete do recinto), mas seria igualmente composta por um encerramento exterior, em semicírculo, aproximando tipologicamente a condenação desta “passagem” da “passagem” 2, embora nesta outra mais complexa e monumental.

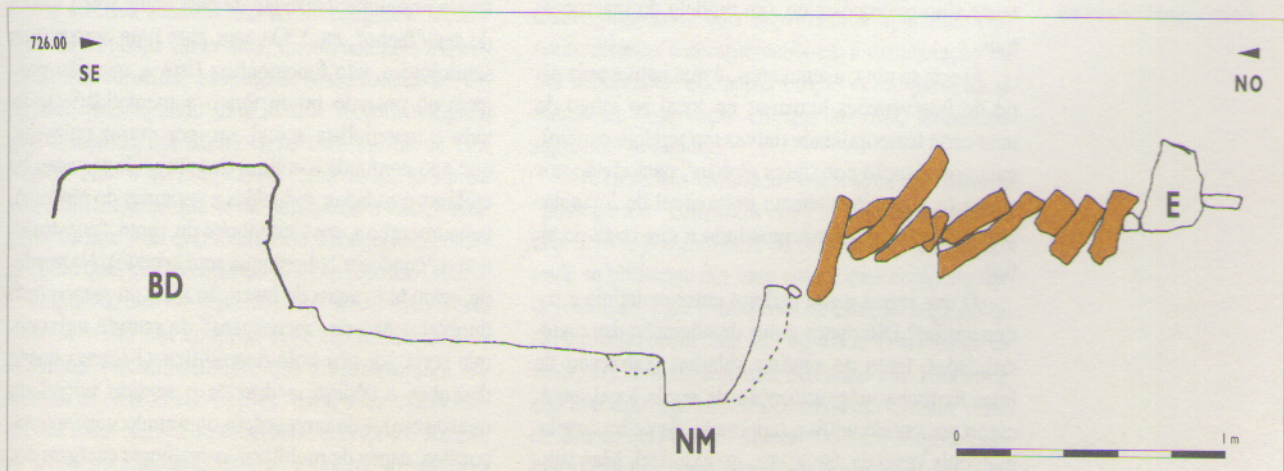
↑ Figura 5

Aspecto geral da parte “em escamado” habitualmente por nós designada “estrutura de condenação” da estrutura subcircular (“bastião”) D.

Figura 6 ↓

Perfil interior da estrutura subcircular (“bastião”) D.

- BD – Parede ou murete delimitador do “bastião” D;
- NM – Nicho de moinhos;
- E – Estela;
-  Pedras fincadas.



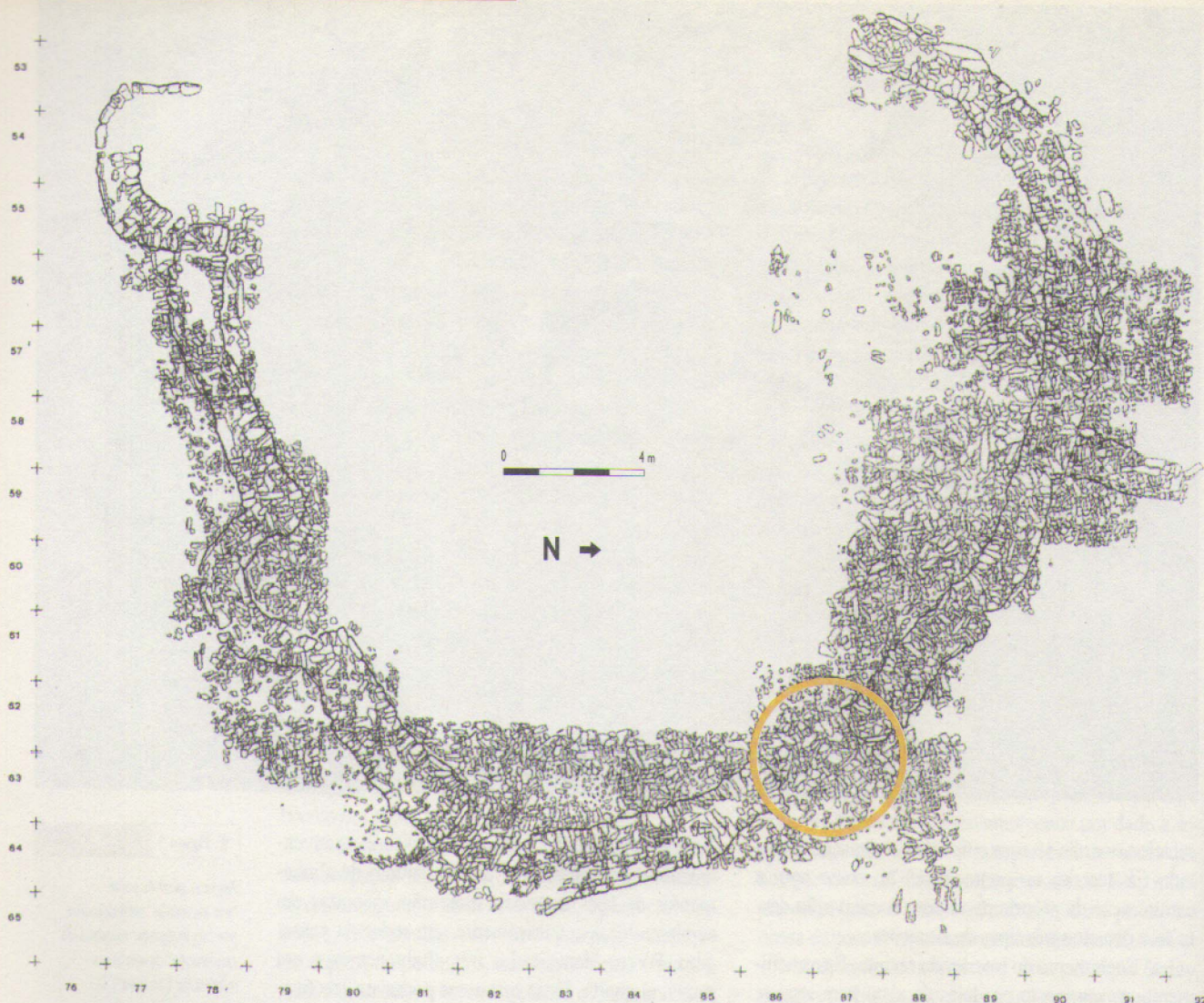


Figura 7 ↑

Planta genérica do recinto anexo ao principal, após os trabalhos de 2003. A "passagem" 4 está assinalada.

O que acabamos de afirmar toca no ponto mais importante deste nosso trabalho, e talvez numa das conclusões mais significativas a que até agora nos conduziram as escavações desta estação. É que, neste tipo de arquiteturas, não estamos perante fases de construção (para determinadas utilizações) e, noutros momentos, de fases (mais ou menos localizadas ou abrangendo todo o sítio – não o sabemos) de condenação, de inutilização. Pensar assim seria pensar segundo um esquema funcionalista, seria elidir os múltiplos sentidos em que se pode ter negociado, neste sítio microcómico, um modelo do macrocosmos.

O que se nota, acentuamos, é que houve uma série de intervenções humanas no local ao longo de uma certa temporalidade (talvez um milénio e meio), cuja organização por "fases globais" para já não nos ocupa (e é manifestamente impossível de imaginar sem pelo menos escavarmos tudo o que resta do sítio).

O que jogou nesse diálogo entre materiais e comunidades? Diferentes graus de alteração das materialidades, tanto no sentido ablativo (extracção de lajes da rocha-mãe, utilização de argila local, etc.), como no sentido aditivo (aportação de pedra, argila, materiais vegetais, água, etc., do exterior). Mas tam-

bém, e ainda, no sentido de manutenção de certas características topográficas, morfológicas (afloramentos incorporados, etc.). Terá havido, portanto, ao longo do tempo uma série de transformações da fisicalidade/significação do sítio, nas quais se inserem a criação de estruturas significantes que tanto abarcam a feitura de vãos, espaços abertos (recintos, passagens ou "portas", etc., indutores de linhas de circulação), como de opacidades, espaços fechados, volumetrias cheias (barreiras – como muros ou outras estruturas, antigos "bastiões" ou recintos agora petrificados, monumentalização de passagens sob a forma do seu "fecho", etc.). Ou seja, para uma perspectiva semiológica, não funcionalista (isto é, que não projecte no passado pré-histórico a mentalidade utilitária e materialista actual, ou, por outras palavras, que não confunda a cultura dos arqueólogos com as culturas estudadas, reduzidas a variantes do mesmo), tanto importava, em Castanheiro do Vento, "construir" como "condenar" (dicotomia sem sentido). Na verdade, eram tudo actos de inscrição mais ou menos perdurável – não de "mensagens" de sentido unívoco, que seria por nós hoje descodificável (como quem descobre o código, e desvela o sentido inicial da mensagem) – de uma ordem do mundo num microcosmos, capaz de mobilizar as melhores energias co-



munitárias e de assim criar sociabilidades, ou seja, coesão social, partilha de sentidos (muitos eles não ditos, mas apenas postos em execução, como num gesto técnico, por exemplo), isto é, criar a própria comunidade porque ela era capaz de construir em comum um sentido partilhado.

Estas ideias não são meras “teorias” no sentido especulativo, e portanto ineficaz, nem sobreposições e elucubrações, mais ou menos “brilhantes” à (sobre a) realidade observada. Não são próteses, acrescentos: são elementos constitutivos da experiência científica, afectiva e intelectual do investigador. Decorrem da realidade observada, trabalhada pela experiência amadurecida, quotidiana, desse mesmo investigador, pressupondo uma atitude fenomenológica, que colhemos, por exemplo, na obra mestra de Tim Ingold. Para o investigador, o tema da sua pesquisa não é um trabalho que se lhe acrescente à vida, é uma parte da sua vida quotidiana: ele transporta-o consigo, pelo que, mesmo quando está em repouso (sobretudo quando está em repouso) está “a trabalhar”, está a tentar voltar aos enigmas com que a escavação o confronta (o confrontou), e que o acompanham, no sentido de os resolver, de lhes “dar a volta”, para tentar ver mais claro. Um escavador está todo o tempo, ao nível do subconsciente, a “escrever” o relatório

das suas escavações, a interpretar e a reinterpretar a realidade que tão radicalmente o confrontou, a sua estranha presença: uma fisicalidade próxima, que as suas mãos tocam e alteram, e no entanto longínqua, porque decorrente de acções outras com uma significação outra. O escavador, como qualquer investigador que trabalhe em ciências da observação, isto é, confrontado com a sistematização e interpretação de realidades empíricas, é uma pessoa que tem de incorporar experiências, que passam a fazer parte de si, da sua problemática auto-reflexiva, onde permanentemente joga com dois movimentos aparentemente contraditórios e complementares: a distanciação como observador, e a aproximação como parte da situação de observação em que se acha, fenomenologicamente falando.

Os materiais exumados nesta área da chamada “passagem 4” consistem em 75 fragmentos cerâmicos, sem a possibilidade de se proceder a colagens onde se obtivesse um vaso com forma completa. Esta realidade, para o conjunto da estação arqueológica, tem sido observada ao longo dos trabalhos de escavação e durante a análise dos materiais. Esta situação tem sido igualmente detectada em Castelo Velho de Freixo de Numão. Susana Oliveira Jorge e colaboradores têm, inclusivamente, colocado a hipótese

↑ Figura 8

Aspecto geral da convencionalmente designada “estrutura de condenação” da “passagem” 4, ao centro, vendo-se, no canto inferior esquerdo e no canto superior direito, o murete delimitador deste recinto secundário. A linha representada assinala a sua parte interna, aí organizada, aquando do enchimento (= “condenação”) da passagem, como se fosse a continuação do próprio murete.

¹¹ Esta alteração já se verificou nos últimos trabalhos de carácter académico feitos sob a orientação daquela investigadora e sob a orientação de um de nós (VOJ), nomeadamente ao nível das teses de mestrado defendidas em 2004, por Ana Vale, Maria de Lurdes Oliveira e Lídia Baptista.

¹² A este respeito deve-se ler o capítulo XVIII do obra de Tim INGOLD, *The Perception of the Environment. Essays of livelihood, dwelling and skill* (2000), onde este autor sugere a alteração da noção de fazer [um objecto], pela noção de tecer. A primeira olha o objecto como uma expressão de uma ideia e a segunda olha esse mesmo objecto como a corporização de um movimento rítmico. Quanto mais o objecto é retirado do seu contexto quotidiano e no qual é produzido e usado, mais nos aparece como um objecto estático (e estético) e de contemplação desinteressada, mas o seu sentido desaparece, torna-se abstracto, incompreensível.

Assim devemos-nos inclinar mais para a procura do significado do objecto, ou seja, a ideia que ele expressa no contexto da acção em que podemos imaginá-lo, do que à actividade unívoca a que ele supostamente pertencia.

Figura 9 ↓

Aspecto geral da “passagem” 4. Os prováveis “patamares” (referidos no texto) estão assinalados.

de se substituir o vaso como unidade fundamental, básica, de estudo, pelo fragmento cerâmico, abrindo neste caso um conjunto mais alargado de hipóteses interpretativas para este tipo de sítios ¹¹.

Neste conjunto de fragmentos, maioritariamente lisos, predomina a decoração penteada (existindo apenas dois fragmentos com decoração diversa; um deles com puncionamento e outro associando o espatulamento com o puncionamento junto ao bordo). Dos restantes materiais, recolheram-se 101 peças líticas, maioritariamente em quartzo, predominando igualmente o seu carácter fragmentário. Destacamos apenas duas raspadeiras. Os percutores estão representados a 12 % e os elementos de moinho a 10 %. Apenas um elemento interessante relacionado com o nível onde foram registados os assentamentos dos possíveis “patamares”: a existência de dois termoclastos e fragmentos de xisto completamente queimados. Não sabemos se teriam resultado de produção de calor no local ou se teriam sido já transportados para essa área em tal estado. A escavação desta “passagem” ainda não terminou e só futuros trabalhos nos ajudarão a esclarecer esta dúvida.

Os dados relativos à fauna identificada neste local reportam apenas um molar superior de *Bos Sp* (boi), um fragmento também de molar superior igualmente de *Bos Sp* e uma pequena esquirola com menos de um centímetro.

4. Observações finais

Em Castanheiro do Vento, como em qualquer estação arqueológica, todos os elementos informativos são importantes, mas no caso concreto dos recintos murados estamos em presença de arquiteturas. Torna-se importante estudá-las, inseridas no seu espaço próximo, a sua localização dentro do sítio, mas também no seu conjunto e no seu espaço

envolvente. Uma tarefa feita em relação directa, entre muitas outras, com as pré-existências do local, escolha do sítio, os afloramentos “modelados” e os deixados intactos, as técnicas de construção utilizadas e a sua relação com as matérias-primas atendendo à volumetria e organização do espaço, o “desenho” do sítio – que poderá corresponder a uma sobreposição de alterações, na verdade, a um palimpsesto (estratigráfico, construtivo, etc.), a uma organização arquitectónica que foi alterando o sentido de um lugar ao longo do tempo –, o “diálogo” do local com as realidades paisagísticas e, em particular, com as especificidades geomorfológicas que daí se avistam, etc.

Será esta tarefa que nos dará o enquadramento necessário para todos os outros trabalhos, podemos dizê-lo, de carácter mais parcelar, a nível de estudo de microcontextos e/ou de análises artefactuais. É necessário entender a arquitectura do sítio como uma unidade (simultaneamente divisível pela análise e recombinável constantemente pela nossa síntese interpretativa) de significações e objectivos, para depois contextualizar todos os outros achados dentro deste “cadinho” arquitectural.

Não quer isto dizer que o estudo dos “materiais” seja menos importante do que o resto, porque não o é, o que é necessário é enquadrar, contextualizar. Não estamos perante ocupações funcionais de espaços, e os materiais produzidos/“tecidos” ¹² por esta sociedade não são um simples produto dela, mas sim uma sua parte integrante. E é o seu estudo (re)contextualizado – pois não são vestígios de algo mítico, total, que já teria desaparecido, mas sim vestígios de algo que faz sentido, que está no presente –, que importa fazer como trabalho específico do arqueólogo. Estes materiais “[...] são parte de formações sociais agora extintas e têm um significado no presente” (THOMAS 1999: 18).

Ao contrário de uma Arqueologia que baseia o seu estudo no imprópriamente chamado “registo ar-



al·madan

● REVISTA DE PERIODICIDADE ANUAL

● INFORMAÇÃO

ACTUALIZADA NAS ÁREAS

DA ARQUEOLOGIA,

PATRIMÓNIO E HISTÓRIA

LOCAL

● DISTRIBUIÇÃO NO

CIRCUITO COMERCIAL

NACIONAL

● CONDIÇÕES DE

ASSINATURA MUITO

FAVORÁVEIS

● DISPONIBILIDADE PARA

PERMUTA COM

PUBLICAÇÕES

CONGÉNERES.


ASSINE | PERMUTE

mais informação em

<http://almadan.cidadevirtual.pt>

queológico” como um arquivo de comportamentos passados, em que as materialidades se bastavam *per se*, estando separadas do passado e do presente, temos de pugnar por uma disciplina que olhe essa materialidade como parte integrante de sistemas sociais que existiram e que têm um significado no presente. Isto é, é hoje que pela primeira vez eles se integram na nossa cultura científica e aí adquirem um sentido que é sempre perspectiva, e só nessa medida é racional e útil.

Procurar reconstituir “fases”, cada uma caracterizada por uma “fotografia” do estado do monumen-

to e dos seus artefactos-tipo (dos seus “tipos fósseis”) tem menos interesse, porque acaba por se sobrevalorizar certos supostos “elementos diagnóstico” em relação a outros, hipervalorizando “estilos” (de artefactos, de construções) que fecham a pesquisa à especificidade contextualista de cada micro-área. É a partir de uma anatomia detalhada dos sítios, que deixam de ser contentores de peças divididas por camadas para serem entidades arquitectónicas individualizadas, que poderemos ir tentando compor um quadro da gestação e uma moldura explicativa para o tipo de sociabilidades que nestes sítios se agenciaram. 

Bibliografia

- BATISTA, Lídia (2003) – *Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- CARDOSO, J. L. e COSTA, C. (2004) – “A Study on the Faunal Assemblage From the Prehistoric Enclosure of Castanheiro do Vento, (Vila Nova de Foz-Côa)”. *Journal of Iberian Archaeology*. Braga: ADECAP. 6.
- GASPAR, Clara (2004) – *Um Espaço Específico de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz-Côa)*. A Estrutura D: materiais e ocupação. Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição policopiada.
- INGOLD, Tim (2000) – *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira (2002) – “Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal”. *Património. Estudos*. Lisboa: IPPAR. 3: 145-164.
- JORGE, Susana Oliveira (2003a) – “Pensar o Espaço da Pré-História Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica”. In *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Porto/Coimbra: FLUP-DCTP e CEACUP-FCT, pp. 13-50.
- JORGE, Susana Oliveira (2003b) – “Cenografias Monumentais Pré-Históricas: tópicos para uma reflexão”. In *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metropolis*. Porto/Coimbra: FLUP-DCTP e CEACUP-FCT, pp. 63-84.
- JORGE, Susana Oliveira, et al. (2004) – “Reflexões Preliminares a Propósito de Formas de Organização do Espaço e de Técnicas de Construção em Sítios Pré-Históricos Recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do Tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”. In *Sinais de Pedra. 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica* (Évora, Janeiro de 2003), edição electrónica em CD-Rom da Fundação Eugénio Almeida, Évora, s.d.
- JORGE, Susana Oliveira; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; NUNES, Susana e GOMES, Sérgio (1998-99) – “Uma Estrutura Ritual Com Ossos Humanos no Sítio Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)”. *Portugália*. Porto: DCTP, FLUP. Nova Série, 19-20: 29-70.
- JORGE, Vítor Oliveira (2002a) – *A Irregularidade das Pedras. Reflexões e experiências de um arqueólogo*. Porto: Edições Afrontamento (Col. Biblioteca de Arqueologia).
- JORGE, Vítor Oliveira (2002b) – “Arqueologia dos Monumentos da Pré-História Recente. Algumas sugestões interpretativas”. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património, pp. 15-26.
- JORGE, Vítor Oliveira (2003) – “Quando o Humano Deixou de Ser Natural”. In *Da Natureza à Megapolis*. Porto/Coimbra: FLUP/DCTP - CEACUP, pp. 11-62.
- JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa; COIXÃO, António Sá e VALE, Ana Margarida (2004) – “O Recinto Monumental Pré-Histórico de Castanheiro do Vento

(Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório”. *Cóavisão, Cultura e Ciência*. 6.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003a) – “O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003”. *Portugália*. Porto: DCTP, FLUP. Nova Série, 24: 5-24.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003b) – “Campanha de Escavações Arqueológicas no Ano de 2002 no Sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”. *Cóavisão, Cultura e Ciência*. 5.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003c) – “Castanheiro do Vento, a Late Prehistoric Monumental Enclosure in the Foz Côa Region, Portugal. Recent research (1998-2002)”. *Journal of Iberian Archaeology*. 5.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003d) – “A Propósito do Recinto Monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”. In *Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto/Coimbra: FLUP-DCTP e CEACUP-FCT, pp. 79-114.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002a) – “Castanheiro do Vento, um Sítio Monumental Pré-Histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”. *Cóavisão, Cultura e Ciência*. 4: 73-93.

JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002b) – “Castanheiro do Vento and the Significance of Monumental Copper/ Bronze Age Sites in Northern Portugal”. In SCARRE, Chris, ed. *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*. Londres: Routledge, pp. 36-50.

LÉVY, Albert (1985) – “Contribution de la Sémiotique à la Typologie Architecturale”. *Espaces et Sociétés*. Paris. 47 (numéro spécial): 407-420.

OLIVEIRA, Maria de Lurdes (2003) – *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

THOMAS, Julian (1999) – “A Materialidade e o Social”. Sep. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp.15-20.

VALE, Ana Margarida (2003) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz-Côa)*. Contributo para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalho (1998-2000). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VALE, Ana Margarida (2004) – “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa). Contributos para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE. Vol. XLIV, Fasc. 3-4.